

SANDRA DE PAULA LIMA

CICLO 1

4ª Feira noite

1º Semestre 2023

Escrever não é uma tarefa fácil. Exige o pensar sobre si e as questões que nos implicam, que nos interpelam. Tomar o que nos interroga, e então transformar em disparadores de um texto. Transformando dúvidas e indagações em uma produção escrita, onde se mesclam nossa subjetividade e as palavras, num texto. E como transformar estas indagações em um texto que faça algum sentido, dê algum contorno? Numa tentativa de transformar pensamentos em algo objetivo, permeado de riscos e dificuldades. Se as dúvidas são muitas, e o risco é certo, por onde começar?

Como se tornar um psicanalista?

Quais são as dificuldades no caminho?

Estudando as obras psicanalíticas, dominando os textos, os conceitos, num acúmulo de conhecimento teórico e técnico? Lendo os textos de Freud e os outros pioneiros da psicanálise? Lendo também os autores contemporâneos? Toda a vasta produção da psicanálise, desde seus primórdios? E como estudar, por onde começar, onde é o começo? Existe um começo? Existe um fim? Será este o caminho?

Freud (1910, pg. 212) nos alerta que nem tudo está nos livros:

*Não é bastante, pois para um médico saber alguns dos achados da psicanálise; ele deve também estar familiarizado com a técnica se ele deseja que seu procedimento profissional se oriente por um ponto de vista psicanalítico. Esta técnica não pode no entanto ser adquirida nos livros, e ela por certo não pode ser descoberta independente, sem grandes sacrifícios de tempo, de cansaço e de sucesso.*

Então, ainda que se tenha que estudar muito, e mergulhar nas obras psicanalíticas, nem tudo está lá, e isto não garante que se forme um analista. Pois,

ainda que se conhecessem todos os livros de psicanálise, caso isso fosse possível, ainda assim, isso não constituiria um psicanalista.

E porque sentimos que quanto mais se estuda, mais distante estamos de um fim, de uma conclusão? E a sensação persistente, que surge de tempos em tempos, de que nunca sabemos o suficiente? Ou que não iremos aprender tudo o que deveríamos, tudo o que gostaríamos, ou como gostaríamos?

O que me surpreende é constatar que já nas *Conferências Introdutórias à Psicanálise 1916-1915*, nas quais Freud apresenta a “*jovem ciência*” para os então interessados da época, ele nos alerta para esta dificuldade singular do contato com a Psicanálise:

*“Toda a tendência de sua educação prévia e todos os seus hábitos de pensamento estão inevitavelmente propensos a fazer com que se oponham à psicanálise, e quanto teriam de superar, dentro de si mesmos, para obter o máximo de vantagem dessa natural oposição”.*

Vemos neste trecho que Freud elucida o que o contato com a Psicanálise provoca em nós. Mais do que uma dificuldade de ordem intelectual, uma dificuldade de caráter afetivo. Isto se deve pelo fato de que a teoria psicanalítica se debruça sobre aquilo (experiências/conteúdos emocionais) que repudiamos e recalamos, dentro de nós. Nossas censuras, repulsas, e os conteúdos que expulsamos de nossa consciência. Este contato desperta também nossas resistências e acarreta um estranhamento com as partes de nós que nos esforçamos para “esquecer” e banir.

E se a psicanálise desperta este mal estar, inerente ao contato com suas descobertas, como é possível a superação desta dificuldade? Como a formação psicanalítica é possível?

Em 1919, Freud em seu texto *Deve a psicanálise ser ensinada na universidade?* , estabelece as recomendações que viriam a se tornar as diretrizes da formação analítica até os dias atuais. Com o advento de seu diagnóstico de câncer, em 1923 e o temor que se abateu sobre os psicanalistas, estas recomendações foram formalizadas no célebre tripé de formação: ensino teórico, análise pessoal e supervisão clínica. Estes três pilares orientam, até os dias atuais, as diretrizes básicas da formação, preservados pela IPA . Onde o estudo rigoroso da teoria, a experiência da análise pessoal e a supervisão clínica parecem ter de ser capazes de produzir, muito além de um aprendizado de ordem intelectual, mas uma experiência de elaboração da teoria analítica “vívda” pelo futuro analista. Uma experiência onde seja possível a elaboração da experiência do analista.

Ao longo de sua obra, Freud demonstrou a importância central da análise pessoal para a formação analítica. E esta importância foi reforçada ao longo dos anos, como condição essencial para exercício da psicanálise. Para ele, a análise pessoal era uma via privilegiada para que o analista pudesse compreender a teoria analítica, bem como os processos inconscientes em si mesmo, e em seus analisandos.

Seguindo as premissas deixadas por Freud, a formação analítica, está muito além do estudo permanente da teoria. Ela contempla a experiência única do analista de se defrontar com os processos de seu próprio inconsciente. Onde o instrumento a ser lapidado é a sua subjetividade, e a teoria pode ser vivida na experiência singular de ser analisado e na prática clínica. Tornando possível conhecer seus processos inconscientes, suas lacunas e falhas, seu próprio desamparo, e vivenciando o atravessar sa própria angústia. O seu inconsciente lapidado por anos de análise pessoal, estudo teórico, prática clínica e supervisão

No livro Fundamentos da clínica psicanalítica, Tavares nos lembra que embora Freud não tenha deixado protocolos restritos para a prática, ele reconhecia que a aprendizagem da técnica é o maior desafio da formação. E sua preocupação era preservar o que a Psicanálise tem de primordial, à escuta da singularidade. O que também evidencia o quanto de “arte”- ... reside na experiência analítica e o quanto o aprendizado sobre o fazer clínico não pode ser limitado à leitura de textos, mas sim essencialmente transmitido pela experiência de encontro com o analista, no divã ou fora dele. ( TAVARES, 2017, p. 08)

O analista terá em seu processo de análise pessoal, se tornar sensível à escuta da subjetividade. E para que possa ser capaz disso, precisará primeiramente aprender a escutar a si mesmo. Se deparar com suas cisões, associações, idealizações. Se implicar em suas palavras, e seu inconsciente, conhecer e reconhecer suas atuações. Para que estas não se tornem obstáculos que impeçam a escuta do outro. Para tanto, o analista terá de percorrer um percurso de formação permanente, e acolher as exigências que a atividade psicanalítica requer. Onde o seu próprio inconsciente será objeto de investigação e principal instrumento de trabalho. Neste sentido, a formação da identidade analítica necessita muito mais do que a apreensão de conteúdos teóricos, e sim um certo tipo de trabalho que requer uma vivência.

*Fazer uma experiência com algo, seja com uma coisa, com um ser humano, com um deus, significa que esse algo nos atropela, nos vem ao encontro, chega até nós, nos avassala e transforma. “Fazer” não diz aqui de maneira alguma que nós mesmos produzimos e operacionalizamos a experiência. Fazer tem aqui o sentido de atravessar, sofrer, receber o que nos vem ao encontro, harmonizando-nos e sintonizando-nos com ele. (HEIDEGGER, 2003, p.121)*

Tenho pensado que a Psicanálise e sua formação são, antes de tudo, uma experiência que visa provocar aberturas, promover deslocamentos. Para que usemos nos confrontar, olhar para o que repetimos sem questionar, para o que temos como certo, como dado, como imutável. Para que possamos ver como temos uma visão limitada, como acreditamos demais na maneira como vemos as coisas, na nossa realidade, a ponto de muitas vezes, por mais sofrido que esta realidade esteja, não consigamos enxergar novos caminhos, saídas, ou possibilidades de mudanças.

Se ela é uma experiência capaz de provocar deslocamentos, saídas dos lugares conhecidos, podemos assemelhá-la a uma viagem. Onde somos sempre confrontados com coisas não costumeiras, paisagens, sabores, climas, experiências, e costumes diferentes. E estas experiências são sempre oportunidades de nos reposicionarmos diante da vida, de nós mesmos e de como vemos o mundo.

Em seu livro *Paixão da ignorância*, Dunker nos traz a ideia de formação similar a experiência de uma viagem. Onde não apenas nos deslocamos no espaço, de um ponto a outro, mas também somos transformados por esta experiência e este movimento. Onde a experiência do caminho percorrido é mais importante que o final.

A formação é uma espécie de viagem na qual progressivamente vamos reconhecendo que as trilhas percorridas nos antecedem, que há sinais e mapas que nos orientam, mas também nos fixam e delimitam. Uma viagem que não apenas nos desloca no espaço, mas que nos transforma em sua realização. Uma viagem que é uma experiência (Erfahrung) não uma sucessão de vivências (Erlebnis).

Quem se desloca, vai sempre embora de algum lugar, e eu sei que temos dificuldades de ir embora. Mas para além das perdas, dos lugares, das idealizações, das “seguranças” que se foram, somos também gratificados com novas paisagens, novos caminhos, outros modos de ver, experimentar e sentir. E talvez, isso possa compensar tudo.

## BIBLIOGRAFIA

DUNKER, C. ***Paixão da Ignorância: a Escuta Entre a Psicanálise e Educação.*** São Paulo: Editora Contracorrente, 2020.

FREUD, S. (1915). ***Observações sobre o Amor Transferencial.*** Edição Standard das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. 12, pp.177-192) Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1910). ***Psicanálise silvestre.*** Edição Standard das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v.11, p. 212). Rio de Janeiro: Imago, 1987.

FREUD, S. (1916[1915]). ***Conferências Introdutórias sobre Psicanálise - Parte I. Parapraxias ( //Introdução).*** Edição Standard das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v.15, p. 27 -38). Rio de Janeiro: Imago, 1987.

*FREUD, S.1919[1918]. Deve a psicanálise ser ensinada na universidade? Edição Standard das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v.17, p 217-219). Rio de Janeiro: Imago, 1996.*

FREUD, S. ***Observações sobre o amor transferencial.*** In: IANNINI, G; TAVARES, P. H. (Org.). Obras Incompletas de Sigmund Freud: Fundamentos da clínica psicanalítica. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017b. p. 165 – 182.

HEIDEGGER, M. ***A caminho da linguagem.*** São Paulo: Editora Vozes, 2003